

## RESENHAS

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: Elementos para uma abordagem do sentido do discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

Resenhado por Clarice Moraes (Universidade Católica de Pelotas)

O objetivo da autora, neste livro, é o estudo dos impasses apresentados pela teoria do discurso de Michel Pêcheux (MP).

Marlene Teixeira se empenha em buscar uma alternativa para dar continuidade ao projeto de MP e, para tanto, propõe que a interpretação dos problemas encontrados na análise de discurso deve-se principalmente à leitura limitada que este fez do texto lacaniano “Las vérités de la Palice”, obra esta que contém a síntese da construção histórica de Lacan.

Ao tentar preencher a “*lacuna*” deixada por Pêcheux, embora reconhecendo ser esta uma busca ilusória, a autora recomenda que o texto deva ser tomado como uma interpretação – como tantas outras que a obra deste teórico provoca. Alerta, também, que há falhas de leitura, que são previsíveis e até necessárias para que não se perca a “*inquiétude*” característica da análise do discurso e, desta forma, provoque o leitor a ouvir novas enunciações.

O livro está constituído de cinco capítulos, subdivididos, mostrando ao leitor, num movimento linear-ascendente a “des” e “re-construção” da Teoria de Michel Pêcheux.

No primeiro capítulo: “*Análise do discurso; A inquietude de uma trajetória*”, ela refaz o percurso de Pêcheux, no propósito de estabelecer a fundamentação teórica, visando uma melhor compreensão das transformações ocorridas na fase final da produção teórica do mesmo. Cabe salientar, aqui, que a autora dará ênfase a AAD3, isto é, à Análise Automática do Discurso em sua terceira (e última) fase de MP.

Para tal evento, enfoca o dispositivo da análise, ligada a questões lingüísticas e a teoria do discurso construída a partir de Marx/Althusser, Freu/Lacan e de Saussure.

Neste primeiro capítulo, a autora tem por objetivo mostrar que a *desconstrução* da teoria discursiva, realizada por MP, carrega em si própria os sinais para a sua construção.

No segundo capítulo: “O Atravessamento pela psicanálise”, temos, num primeiro momento uma justificativa e, num segundo, uma definição da natureza do apelo feito à psicanálise aos estudos lingüísticos que têm como foco a enunciação do discurso.

Posteriormente, a autora pontua por meio de “Las vérités de la Palice”(1975) os pontos equívocos de Pêcheux. Isso conduz a elementos que sustentam a interpretação de que os problemas encontrados por MP em sua teoria é consequência da definição de *forma-sujeito* do “*Sujeito*” de Althusser e do “*Outro*” de Lacan.

É importante salientar que a autora realiza uma leitura dos desdobramentos finais da teorização de Pêcheux sem entrar no mérito do materialismo histórico no quadro epistemológico da análise de discurso, pois seu objetivo, nesta discussão, é sobre as bases sobre as quais o autor opera essa articulação em “Las vérités de la Palice”.

No capítulo três: “*O lugar da Lingüística*”, dedica-se a autora à definição do lugar da lingüística no projeto de análise de discurso. Assim, mostra por meio do processo de constituição de sua cientificidade que a lingüística deixou um *resíduo* que insiste, de forma incessante, em retornar a seu objeto, pois é só aí que tem sua existência.

Posteriormente ela desenvolve, a partir de Milner (1978), Gadet & Pêcheux (1981) e Normand (1990), a idéia de que a teoria de Saussure tem em si os elementos que permitem falar da língua (um) e seu reverso (não-um).

No quarto capítulo: “*Sobre a Enunciação: a heterogeneidade fundante*”, a autora recorre à teoria das heterogeneidades/não-coincidências de J. Authier-Revuz (1982, 1995), onde esta reconhece a língua como ordem própria atravessada por pontos de *não-um*, localizados no próprio *fio do discurso*, a partir dos quais se pode “escutar” essa realidade incontornável que constitui o sujeito e o sentido.

A proposta de J. Authier-Revuz – “*implica a não redução da heterogeneidade que atravessa o sujeito e o discurso à diversidade (de pontos de vista, de formações discursivas), pois o conceito de heterogeneidade refere, na sua abordagem, a impossibilidade de um sentido separado da palavra sempre equívoca que o sustenta*”.

Segundo a autora, Authier-Revuz ao mostrar que a língua tem as formas para indicar a presença do “*Outro*” no “*Um*”, abre caminho para o desenvolvimento de análises capazes de indicar, nos próprios fenômenos lingüísticos, isso que, desde um outro lugar, irrompe no discurso à revelia do sujeito.

No quinto capítulo: “*A historicidade em Questão*”, a autora mostra que a historicidade que atravessa o sentido é reconfigurada pela noção pêcheutiana de *acontecimento* (1983b) interpretada através de elaborações de Certeau (1984) sobre a *memória*. Assim ela procura encontrar uma alternativa para enfocar a historicidade sem recorrer à *causalidade histórica*, ou seja, a um exterior pensado em termos de metadiscurso marxista. Teixeira alerta ainda que isso não significa reinventar o *mito da palavra “livre”* que escapa a toda determinação externa e sim que é como um fora situado dentro. Esse “exterior”, que fala antes, em outro lugar (o sempre-já-ai), deve ser tomado numa perspectiva de análise de discurso que busca distinguir seu lugar entre as demais por seu recurso à Lingüística.

Ainda neste capítulo, a autora – reconsiderando a constituição do sentido no discurso tendo como base a redefinição dos conceitos de sujeito, de língua, de enunciação e de historicidade – pontua o lugar do *sujeito-leitor* que é posto em outros termos.

Desse modo, temos a análise do discurso realizada como resultado de um *gesto de* descrição indissociável de um *gesto de interpretação*.

A caminhada da autora examinou o sujeito, a língua, a enunciação, a história e o sentido. Trabalhou enfaticamente a equivocidade do sentido, a criatividade, a resistência do discurso do homem comum. Trabalhou, ainda, o lugar de produção de efeitos de sentido no discurso por meio da Estrutura e Acontecimento e a Contradição à Heterogeneidade que culminou em *um outro entendimento da noção de ciência*.

Temos, então, um livro que demonstra o posicionamento crítico da autora diante da articulação proposta por Michel Pêcheux.

O livro constitui uma contribuição às pesquisas, principalmente àquelas preocupadas com os processos discursivos, pois apresenta, a partir dos desvios constatados por Pêcheux em sua teoria: articulação entre o materialismo histórico e a Psicanálise.

## RESENHAS

Essa articulação tem como base a identificação entre o “Sujeito” Althusseriano e o “Outro” Lacaniano, resultando em uma definição de *forma-sujeito* desconhecedora da dinâmica pulsional que está na base da concepção psicanalítica da subjetividade.

CASSANY, Daniel. *Descrever o escrever: como se aprende a escrever*. Trad. Osmar de Souza. Itajaí: Univali, 1999.

Resenhado por Elisane Pinto da Silva Machado de Lima (Universidade Católica de Pelotas/Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas)

*Descrever o Escrever: como se aprende a escrever*, de Daniel Cassany, com tradução para o português de Osmar de Souza, aborda a produção escrita, centralizando-se nos processos mentais que realiza um escritor quando da escritura de um texto, os conhecimentos que um bom escritor possui sobre o código escrito, bem como as estratégias que utiliza durante a produção. A obra, na qual o autor trabalha teorias de importantes pesquisadores, está primordialmente voltada para os processos mentais superiores, ou seja, para as operações cognitivas realizadas pelos escritores, com ênfase mais no conteúdo do que na forma (gramática e ortografia). Cassany expõe as principais idéias que abordam a produção textual como um processo e não como um produto, apresentando resumos de teorias dos principais autores que tratam da escrita dos pontos de vista da aquisição, da lingüística textual e da psicolingüística.

O livro compõe-se de duas partes: a primeira trata do código escrito, mostrando como o escritor o adquire e quais os conhecimentos lingüísticos de que necessita para a produção de um texto, e a segunda trata do processo de produção, descrevendo o comportamento dos escritores competentes no processo de redação de textos.

Na primeira parte, ao referir-se ao código escrito, Cassany postula que as regras gramaticais, ao contrário do que muitos pensam, não são os aspectos mais importantes que o escritor precisa dominar, mas sim a adequação, a coerência e a coesão, pois aquelas podem ser sanadas durante a revisão do texto com consultas a livros especializados, enquanto estas dependem apenas da atenção do escritor durante todo o processo de escritura. Segundo o autor, com relação ao código escrito, o escritor competente é aquele que sabe diferenciar a linguagem oral da escrita, usando as estratégias comunicativas próprias dessa modalidade, que adapta o texto à variedade lingüística melhor correspondente, ao

## RESENHAS

propósito perseguido, ao nível de conhecimento dos leitores sobre o assunto e que estrutura as idéias de forma ordenada e compreensível.

Com relação ao modo como se dá a aquisição do código escrito, o autor, apoiado em estudos de Krashen e outros autores, afirma que a instrução gramatical é pouco útil para a aquisição do código, sendo a leitura compreensiva, que é feita por prazer, a atividade mais efetiva para este propósito e que a correção, atividade didática intensamente praticada pelos professores, só é útil para a aquisição do código se for realizada no momento da escritura e, então, incorporada ao texto.

Para reforçar a tese de que a leitura é a prática mais efetiva para a aquisição do código escrito por colocar o aprendiz em contato com os textos, os quais contêm todos os conhecimentos de que necessita, o autor cita um artigo de Frank Smith (1984) o qual diz que o aprendiz deve "ler como um escritor". Isso significa que a leitura deve ser feita com atenção para as escolhas do autor, para a sua forma de escrever, pois assim o leitor estará adquirindo o que necessita para redigir e, conseqüentemente, aprendendo a escrever como um escritor.

Cassany trabalha também com a teoria do "input compreensivo", de Krashen (1985), segundo a qual a forma como adquirimos o código escrito é semelhante à forma como adquirimos uma segunda língua e que, por isso, a teoria do input compreensivo pode ser válida para a aquisição do código escrito. É, pois, através do input compreensivo que os sujeitos adquirem o código, compreendendo mensagens que desejam dominar e fixando-se sobretudo no conteúdo que veiculam. Para Krashen, é a aquisição subconsciente que permite o uso comunicativo da língua e não a aprendizagem, a qual só servirá para modificar ou corrigir posteriormente os textos produzidos. Nessa teoria, o autor trabalha também com a hipótese do "filtro afetivo", segundo a qual, um conjunto de circunstâncias, por determinados motivos, pode bloquear a aquisição do código, impedindo que esta se dê de maneira satisfatória.

Num primeiro momento, pode parecer que a obra, não considere importantes os conhecimentos gramaticais que o escritor tenha, mas na verdade, o que está sendo colocado é que o domínio de conhecimentos gramaticais não é suficiente para que os escritores produzam bons textos. No momento da escritura, o escritor deve estar atento às idéias que quer expor, à ordem como colocá-las e à forma como expressá-las, ficando o preenchimento das lacunas sobre o código escrito para o último momento, pois se despender muita atenção para as regras gramati-

cais durante o processo de escrita corre o risco de ter o processo global de planejamento do texto comprometido ou perder alguma idéia importante, o que ocorre devido à sobrecarga da memória de curto prazo.

Segundo Cassany, no processo de composição do texto, os escritores precisam saber utilizar o código numa situação concreta e não apenas conhecê-lo. Para produzir um bom texto, os escritores competentes o planejam antes de redigir, relêem os fragmentos já escritos, garantindo o seu sentido global, relêem e revisam o todo a qualquer momento e imaginam o perfil dos seus prováveis leitores, visando transmitir-lhes o que realmente precisam saber e de forma agradável. O autor também considera de suma importância o fato de o escritor saber fazer resumos, extraindo as idéias principais dos textos com que tem contato, para depois colocá-las de forma hierárquica e concisa em seu próprio texto.

Na segunda parte do livro, ao abordar como ocorre o processo de produção, o autor cita as teorias de Rohman, segundo a qual o que garante o êxito do texto é a descoberta do tema pelo autor e de Van Dijk, denominada "modelo de processador de textos", a qual coloca que, ao elaborar o texto, o escritor seleciona as idéias adquiridas em outros textos que tenha lido ou ouvido, selecionando-as e reconstruindo-as com o auxílio de seu conhecimento de mundo e, depois, reelaborando-as para produzir o seu próprio texto. Ao conjunto de informações importantes, ordenadas logicamente, que o leitor constrói e registra em sua memória, Van Dijk dá o nome de macroestruturas. Para construir um texto, é a elas que o escritor recorre e, para elaborá-las e desenvolvê-las, ele também faz uso de macrorregras lingüísticas de composição, as quais permitem a extração das informações mais importantes de um texto e de macrorregras de produção, as quais permitem o desenvolvimento de uma macroestrutura memorizada, a qual gerará um texto novo.

Cassany também trabalha em seu livro uma teoria de Flower, na qual ela diferencia a expressão da comunicação, em que a primeira seria a forma do pensamento do escritor, denominada prosa de escritor, e a segunda seria essa forma de pensamento adaptada de modo a ser compreendida pelos leitores e denominada prosa de leitor. Segundo a autora, os escritores competentes usam a prosa de leitor, enquanto que os escritores menos competentes usam a prosa de escritor. Para ela, a prosa de escritor não deve ser considerada como negativa, pois é uma

## RESENHAS

estratégia que o escritor utiliza, para deixar fluir o fluxo de idéias, reproduzindo o processo de descoberta do tema, durante o processo de composição. No momento em que faz uso da prosa de escritor, o sujeito concentra-se apenas na elaboração do significado do texto, sem ocupar-se com os limites formais que serão observados mais tarde na prosa de leitor, a qual vem a ser o resultado de todo o processo de elaboração do texto. Contudo, Flower afirma que o melhor processo de composição é aquele que utiliza a prosa de leitor desde o início, visando adequar o texto ao leitor durante todo o processo de confecção do texto. De acordo com Flower, o professor pode utilizar a teoria das duas prosas para investigar como os alunos desenvolvem o processo de composição, pois considera que um grande problema dos aprendizes é produzir textos em prosa de escritor e não passar para a prosa de leitor.

Flower é novamente citada na obra por ter em 1981, juntamente com Hayes, desenvolvido um dos modelos mais completos do processo de composição. Esse modelo consta de três unidades: a situação comunicativa, que inclui todos os elementos externos ao escritor; a memória de longo prazo, que armazena todos os conhecimentos armazenados pelo escritor sobre o tema do texto; os processos de escrita, que envolvem planejar, redigir e revisar, sempre sob o controle de um monitor, o qual decide qual o momento ideal para a atuação de cada um. Segundo os autores, é do monitor que dependem alguns problemas que os aprendizes apresentam durante o processo de composição, pois nem sempre ocorre o controle de quando um processo pode atuar e por quanto tempo.

Ao final da obra, Cassany reafirma que escrever é um processo cognitivo que não depende de inspiração, mas das idéias que há na memória, do uso adequado que o escritor faz delas e de sua dedicação para com o texto. Segundo ele, "O processo de composição não se caracteriza pelo automatismo nem pela espontaneidade, mas pela recursividade, pela revisão, pela reformulação de idéias" (p.196). O autor coloca ainda que graças ao uso do computador e à possibilidade que ele oferece ao escritor de reelaborar fragmentos já escritos (processo recursivo) sem ter de refazer todo o texto novamente, como antes ocorria com a máquina de escrever, é que os escritores estão tornando seus processos de composição mais criativos e eficientes.

*Descrever o escrever* oferece aos leitores um resumo claro e sucinto de estudos que diversos pesquisadores realizaram, nas décadas de



60, 70 e 80, sobre o tema da expressão escrita, o que mostra a consistência teórica que envolve a obra. Porém, um aspecto negativo que se tem a observar é o fato de que algumas teorias, por serem bastante antigas, podem já ter sido reformuladas ou substituídas por outras. Apesar desse fato e de, também, o autor não desenvolver no livro teorias próprias, a obra vem a ser, sem dúvida, uma grande contribuição para os estudos sobre o texto, pois aborda o processo de composição não só do ponto de vista formal, mas também e principalmente do ponto de vista cognitivo, o qual envolve os processos de geração e organização de idéias e faz com que os leitores tenham acesso a importantes estudos referentes à produção textual.

Esse livro constitui-se de uma leitura fundamental para professores de língua materna por propiciar uma outra visão do processo de produção textual diferente daquela que só avalia os aspectos formais do texto, ignorando os aspectos cognitivos de produção e por mostrar como podem, em suas práticas pedagógicas, auxiliar os alunos a se tornar bons escritores. Para aqueles que desejam tornar-se escritores competentes, também é uma leitura importante pelo fato de permitir-lhes entender melhor o processo de produção textual, conhecer os processos que realizam durante a escritura e encontrar, talvez, onde estejam ocorrendo suas falhas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SMITH, F. *Reading like a writer*. Victoria, Canada: Abel Press, 1984.
- KRASHEN, S. *The input hypothesis: Issues and implications*. New York: Longman, 1985.

## RESENHAS

RICHTER, Marcos Gustavo. *Ensino do Português e Interatividade*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.

Resenhado por Elita Maria Bianchi Tessari (Universidade Católica de Pelotas)

O livro está dividido em três partes e, conforme o autor, tem a intenção de oferecer, não só ao professor de Português como língua materna, mas também ao professor de Português para estrangeiros, um suporte teórico que o ajude a desenvolver adequadamente sua atividade no cotidiano escolar.

Richter, na introdução, alerta para o fato de que estratégias ultrapassadas e inócuas continuam sendo utilizadas no ensino de língua materna. Tal manutenção, segundo ele, perdura porque duas opiniões dos professores a justificam. Uma é a de que quanto mais um professor aprende sobre teorias lingüísticas, mais aparelhado está para ensinar a língua com eficácia. A outra é a de que quanto mais um aluno memoriza a nomenclatura, as regras e formas, mais ele aprende. Ora, os procedimentos adotados em função dessas opiniões não servem para o ensino que tenha como meta a interação comunicativa e, além do mais, é uma forma tediosa de trabalhar em classe.

Por isso, visando a um ensino da língua materna melhor, mais dinâmico, eficaz, criativo e bem fundamentado didaticamente, na primeira parte do livro *A aquisição da linguagem: panorama*, o autor fala de linguagem, linguagens, conhecimento e as teorias da aquisição da linguagem, permitindo ao leitor que reflita sobre sua prática. A teoria *behaviorista*, que defende a aquisição de uma língua por meio de imitação e formação de hábitos, e a teoria *inatista*, que atribui à mente o papel mais importante no conhecimento, são discutidas brevemente. O posicionamento da teoria *interacionista* de que a aquisição da linguagem se dá pela interação entre o programa mental inato do aprendiz e a linguagem produzida por ele e o seu interlocutor num sistema de reciprocidade de comportamentos também é tratada brevemente nesta parte, porém aprofundada na parte seguinte.

Na segunda parte do livro, *As bases interacionistas do ensino de línguas*, é que o autor discute com profundidade a teoria interacionista. Através de perguntas e respostas, o leitor vai sendo esclarecido, dentre outras questões, sobre como a interação entre o falante proficien-

te e o aprendiz influi na aquisição do sistema lingüístico deste último; sobre as estratégias utilizadas na aprendizagem de uma língua e como pode ser trabalhado o aspecto formal da língua em sala de aula. Aborda-se também o currículo adequado ao ensino interativo de línguas, finalizando com os fatores psicológicos que influem na aprendizagem de línguas.

Dentre os muitos aspectos importantes tratados nessa parte, está o de que a linguagem é um meio social empregado para realizar atividades em situações determinadas a fim de atender as necessidades dos sujeitos sociais que para atingirem a meta desejada, participam da negociação de sentido, confirmando o caráter interativo da atividade verbal. A linguagem se desdobra em três dimensões indissociáveis: forma, função e estratégia. A gramática tradicional só dá conta da forma, portanto, a visão de linguagem mantida pelo ensino conservador é pobre e distante da realidade.

A captação da linguagem pela criança afeta a aprendizagem da língua, pois o adulto, ao se comunicar com a criança, proporciona-lhe como conversar, como representar o mundo e como analisar sentenças. Portanto, adultos cooperativos e situações concretas favorecem a aquisição da língua pela criança. Para interagir com o aprendiz, o falante proficiente deve usar uma linguagem motivada, autêntica. Para o interacionismo, o *input* deve ser compreensivo; assim o aluno assimila as mensagens. Já em relação à velocidade de aquisição, essa é mais rápida quando: o aluno recebe uma quantidade maciça de mensagens autênticas e relevantes; o aluno necessita comunicar-se naquela língua; a criança tem a liberdade de se manifestar a respeito do que é importante; é respeitado o contexto na comunicação; a comunicação usa todas as funções da linguagem; o aprendiz está exposto a um grande número de “enunciados ampliadores”; há oportunidades de experimentação desinibida com a língua-alvo.

Ao tratar da questão sobre como se dá a aprendizagem de uma língua em sala de aula, Richter enfatiza que o professor abre espaço para uma prática que depende do que ele pensa sobre aprendizagem e aquisição de uma língua. Eis aí um motivo claro para recomendar a leitura do livro, pois o autor expõe claramente os princípios de aquisição. Dessa forma, o professor pode analisar seus pressupostos sobre os mecanismos de aprendizagem de línguas e reavaliar sua prática.

## RESENHAS

Segundo o autor, o aluno precisa “sair da concha’ e comunicar-se“ (p. 77) e a interação é a forma como sistemas lingüísticos são individualmente construídos. Portanto, focalizar o aprendizado fortemente na gramática e em exercícios repetitivos, memorizadores, mecanicistas, não ajudam o aluno a produzir linguagem com fluência e adequação e a correção insistente desmotiva o aluno a aprender. Assim, é o interacionismo que permite resultados menos decepcionantes.

Isso acontece porque o interacionismo enfatiza a necessidade de os alunos manterem interação conversacional para terem acesso a *input* significativo e compreensivo e, por sua vez, essas interações levam à negociação de sentido, que, exercida a longo prazo, leva à aquisição das várias formas da língua que veiculam os significados. A abordagem interacionista dá importância ao trabalho em grupo. Estudos comprovam que um aprendiz produz maior quantidade e variedade de linguagem em grupo do que nas formas individuais e que não comete mais erros ao conversar com outro indivíduo ainda não-proficiente do que com quem já domine a língua-alvo.

Tratando de como pode ser trabalhado o aspecto formal da língua em sala de aula numa abordagem interacionista, Richter, primeiramente, explana alguns princípios gerais. Afirma, dentre outras coisas, que, interacionalmente o indivíduo recebe estruturas prontas de um lado, o *input*, e, de outro lado, constrói e exterioriza formas, o *output*, por isso é fundamental que o aprendiz disponha de um ambiente pedagógico em que possa descobrir ao comparar-abstrair-generalizar dados e formular-testar-reajustar hipóteses, a fim de aprender por si mesmo, desenvolvendo sua autonomia. Para tanto, o ensino da gramática deve ser visto como um meio e não como um fim. O ensino deve ser em espiral, pois os problemas de produção e leitura textual devem ser retomados de maneira cada vez mais complexa e gradual conforme a série ou grau. O tipo de atividade que o aluno realiza na interação vai do menos difícil ao mais difícil, sendo que é exemplificada a complexidade das tarefas numa tabela (p. 84) em que aparecem os perfis da atividade mais fácil e da atividade mais difícil.

Em seguida, o autor trata da manipulação dos constituintes. Ele afirma que o ensino das formas da língua apresenta dois tipos de problemas: a relação dos constituintes com os diferentes níveis de análise da língua e a relação entre estruturas. Tais níveis são o pragmático, o semântico e o morfossintático cujos casos são exemplificados breve-

mente. Quanto a relações entre estruturas, o autor ilustra dois casos representativos: o alçamento e a relativização.

No ensino interativo de línguas, o currículo adequado, conforme Richter, é o centrado no aluno, elaborado conjuntamente por professor e aluno. Nesse tipo de currículo, selecionam-se e graduam-se atividades que reflitam aquilo que o aluno acredita usar na vida real ou num momento subsequente. Obter dos alunos um perfil de habilidades lingüísticas e com a habilidade de assimilar e aplicar estratégias de produção crítica de conhecimento são os objetivos centrais desse currículo. O autor esclarece que por ser o ensino centrado no aluno não dá o direito de ser um ensino que dependa do capricho desse aluno, mas que este é co-responsável pelo sucesso ou fracasso do mesmo, dependendo do cumprimento ou não das suas atribuições. Ainda em relação ao currículo adequado, seu planejamento deve ser orientado a processo e não a produto, bem como seus objetivos.

Finalizando a segunda parte do livro, o autor destaca os principais fatores psicológicos que influem no grau de sucesso na aquisição de língua (materna ou segunda língua). Cita os fatores: idade, inteligência, personalidade, estilos de aprendizagem, atitudes socioculturais e examina cada um deles.

Na terceira e última parte do livro, *Role play como exemplo de estratégia interativa*, é apresentada e avaliada uma técnica de ensino interacionista que, certamente, amplia as opções metodológicas do professor, tendo como conseqüência um ensino de língua eficiente e eficaz. O autor justifica a adoção do *Role Play* pelas características comunicativas e interativas que a modalidade apresenta. Segundo Richter, há muitas vantagens em se usar essa técnica, pois ela mobiliza uma variedade de funções, estruturas sintáticas e vocabulário, leva os alunos a desinibirem-se e, ao mesmo tempo, o ambiente lúdico é propício à criatividade e ao trabalho com ambos os lados do cérebro, o dominante, geralmente o esquerdo, que funciona de modo analítico, seqüencial, e o não-dominante, geralmente o direito, que opera de modo holístico, sintético. Ressalta ainda que o trabalho é realizado em grupo e isso permite que o indivíduo vivencie e compartilhe a produção material com os demais membros, organizando seu cérebro.

Apresentando ainda a técnica, o autor cita os componentes básicos de um *Role Play* e em seguida ilustra a prática adotada num trabalho desenvolvido na forma de oficina com a participação de profes-

## RESENHAS

res de português de Ensino Fundamental e Médio, explicando os procedimentos adotados, incluindo tabelas para melhor esclarecer. Finalmente traz observações e avaliações feitas pelos participantes acerca dessa prática. Há de se destacar que essa ilustração da prática favorece o entendimento do leitor, contribuindo com a intenção do autor de oferecer auxílio ao professor, tanto de língua materna como de segunda língua, quanto a opções metodológicas adequadas.

Como se pode observar, esse livro é de grande valia ao professor que deseja suas aulas menos tediosas, mais produtivas, sem aquela mesmice que caracteriza o ensino tradicional em que somente ele detém o comando, limitando seriamente as oportunidades de contribuição do aluno. Sua linguagem é clara e acessível. As notas de rodapé constantes no livro são muito importantes, pois na medida em que se vai lendo, muitas dúvidas vão sendo sanadas. É interessante destacar também que o livro apresenta a bibliografia no final de cada parte, orientando o leitor para esclarecer alguma dúvida e/ou ampliar seu conhecimento.